

Brasília tem exame de alta qualidade e baixo risco

Não é preciso ter um coração de ferro nem pegar o primeiro avião para São Paulo se o problema for submeter-se a um cateterismo cardíaco. Brasília conta com um laboratório onde são registrados índices de complicações bastante inferiores aos dos Estados Unidos.

Nos últimos quatro anos, o cardiologista Edmur de Araújo, do laboratório Cardiocine, obteve resultados surpreendentes: em 2.430 cateterismos diagnósticos, nenhuma morte, nenhum infarto, nenhuma perfuração do coração e apenas um acidente cerebrovascular (0,04%); em 270 procedimentos terapêuticos (angioplastia, stent coronário e valvoplastia), 95% de sucesso, nenhum óbito, duas cirurgias de emergência (0,74%) e quatro infartos não-fatais (1,5%).

No *Registry of the Society for Cardiac Angiography* (uma espécie de Bíblia americana da angioplastia), feito nos Estados Unidos entre 1979 e 1980 com 53.581 pacientes, foram verificados os seguintes índices de complicações em cateterismo diagnóstico: 0,14% de mortes, 0,07% de infartos, 0,07% de acidentes cerebrovasculares e 0,57% de outras complicações vasculares.

A angioplastia chega a registrar 4% de cirurgias de emergência, 2% a 3% de infartos e 0,5% a 1% de óbitos, segundo estudo publicado pela Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo.

“Brasília precisa saber que não está tão ruim como se pensa”, diz Edmur de Araújo, que se especializou no exame com a equipe de Adib Jatene no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, em São Paulo.

O Hospital de Base de Brasília (HBB) — único da rede pública que dispõe de um laboratório de cateterismo cardíaco — faz, mensalmente, o mesmo número de exames feitos no Cardiocine: entre 80 e 100. Com uma diferença: o HBB só faz diagnósticos. A angioplastia, se fosse feita, evitaria entre 30% e 40% das cirurgias de coronária.

“Não fazemos angioplastia por falta de catéter”, admite o chefe da seção de Doenças Cardiovasculares do HBB, Carlos Morum. Segundo ele, apenas metade do que o HBB gasta com o exame é reembolsado pelo governo federal.

Dos dois equipamentos disponíveis no HBB, apenas um funciona regularmente. “A demanda é pelo menos quatro vezes maior que a nossa capacidade de atendimento”, diz o médico, que admite: “Estão morrendo pacientes por falta de recursos.”

Quem dispõe de convênio de saúde e não precisa enfrentar a fila de até três meses para fazer um cateterismo no HBB não tem motivos, garante o dr. Morum, para procurar tratamento cardíaco fora de Brasília. “Aqui temos profissionais e equipamentos de nível semelhante aos dos grandes centros”, diz.